

BOCAGE, ALMA SEM MUNDO

Narrativa dramática em 2 partes de LUZIA MARIA MARTINS. Publicada em 1967.

Representada pela primeira vez em 21 de Abril de 1967, pela companhia do «Teatro-Estúdio de Lisboa», numa encenação da autora.

[...]

Dispositivo cénico fixo, formado por várias plataformas, recorrendo-se a elementos acessórios para algumas das cenas.

Em estilo narrativo, a peça conta-nos, através dos seus momentos mais significativos, e enquadrando-os no contexto político-social do seu tempo, a vida do poeta Manuel Maria barbosa du Bocage (1765-1805). Um Narrador liga entre si os diversos episódios da acção; um coro constituído por três «clowns» evoca os acontecimentos políticos, sociais, económicos e, por vezes, meramente anedóticos, que lhe servem de pano de fundo, tanto relativos a Portugal como ao resto do mundo (entre os quais avultam a Independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e a repressão contra a difusão das ideias revolucionárias); um outro coro, formado por três vagabundos, comenta esses mesmos acontecimentos numa perspectiva popular, imediata; Bocage e as personagens com quem privou – os amigos de tertúlia, as mulheres que amou, o Intendente-Geral da Polícia que o perseguiu – vivem directamente as cenas culminantes de uma existência irreverente e aventureira, consagrada ao amor, à poesia, ao culto da liberdade e da razão, que o levou à Índia e por fim aos cárceres da Inquisição. Os versos do poeta, que prenunciam o romantismo, servem de contraponto à acção, alternadamente narrada e vivida, em que, por um lado se materializa «a aventura da razão humana no seu conflito com as sobrevivências do aristocracismo feudal» e a cuja transparência, por outro lado, se desvenda a luta incessante do homem pelo direito à liberdade.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, p. 158.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.